

O paradigma da sustentabilidade: o que pensam pesquisadores em educação ambiental sobre as sociedades sustentáveis?

7

The sustainability paradigm: what do researchers in environmental education think about sustainable societies?

Caroline Rodrigues da Matta*
Elisabeth Brandão Schmidt**

Resumo: Este texto originou-se de uma dissertação de mestrado em Educação Ambiental, cujo objetivo é compreender como reconhecidos educadores ambientais, que atuam em Programas de Pós-graduação em Educação, no Brasil, conceituam sustentabilidade. Foram feitas entrevistas semiestruturadas com estudiosos participantes do Grupo de Trabalho em Educação Ambiental (GT22) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). A escolha dos colaboradores da pesquisa recaiu sobre tais atores por estes estarem vinculados a Programas de Pós-Graduação em Educação e desenvolverem pesquisas na área da Educação Ambiental. Para o exame dos dados, foi utilizada a Análise Textual Discursiva (ATD) desenvolvida por Moraes e Galiazzi. Para estabelecer o diálogo com os dados empíricos, autores como Loureiro, Leff, Tristão e Carvalho foram consultados e referenciados. A análise dos dados obtidos por meio das entrevistas evidencia que os pesquisadores abordam sustentabilidade como um tema transversal e polissêmico. Discute-se também a construção de sociedades sustentáveis baseadas em relações socioeconômicas, que não sejam embasadas no capitalismo. As transformações não devem partir de um desenvolvimento arbitrário, mas a partir de inovações alusivas às questões socioambientais, com vistas a sociedades verdadeiramente sustentáveis.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Educação Ambiental. Sociedades sustentáveis. Metodologia de pesquisa em Educação.

* Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Rio Grande, RS. *E-mail:* carol@vetorial.net.

** Doutora em Educação. Professora nos programas de pós-graduação: Educação Ambiental; Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, e Educação, da Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Rio Grande, RS. *E-mail:* elisabethschmidt@furg.br

Abstract: This text was based on a Master's thesis in Environmental Education whose objective is to understand how well-known environmental educators who work in post-graduate programs in education, in Brazil, conceptualize sustainability. Semi-structured interviews were carried out with researchers that take part in *the Grupo de Trabalho em Educação Ambiental (GT22)* at the *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)*. They were chosen because they are connected to post-graduate programs in Education and develop research in Environmental Education. Textual Discourse Analysis (TDA) by Moraes and Galiuzzi was applied to the data. Authors such as Loureiro, Leff, Tristão and Carvalho were used and referenced to establish a dialogue with the empirical data. The data analysis provided evidence regarding the way the researchers understand sustainability as a transversal theme with many meanings. The construction of sustainable societies based on non-capitalist socioeconomic relations was also discussed. Changes should be triggered by innovation related to socioenvironmental issues towards truly sustainable societies, rather than by arbitrary development.

Keywords: Sustainability. Environmental Education. Sustainable societies. Research methodology in education.

Vivemos em uma época na qual as relações socioambientais são tidas como primordiais no enfrentamento à crise instaurada e no engendrar de práticas mais responsáveis e sustentáveis. A relação do homem com o meio ambiente fomenta discussões alusivas às problemáticas ambientais, que, reciprocamente, abarcam aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos. Com isso, surgem indagações relacionadas à crise ambiental global, em virtude do amplo discurso de temáticas já apreciadas pela sociedade, como, por exemplo, o discurso sobre a sustentabilidade.

Tal discurso está embasado em desafios que exigem mudanças nas formas de viver. É necessário romper paradigmas, repensando o modelo predatório e consumista da natureza, para uma sustentabilidade fundamentada em princípios socioambientais. Conceituar *sustentabilidade* torna-se complicado, já que consente a um conjunto de variáveis interdependentes. Pode-se afirmar que esse termo tem a competência de unificar questões de cunho ambiental, econômico e social, além de integrar outros inúmeros significados à palavra.

Contudo, devemos, em primeira instância, desdobrar as múltiplas faces que a temática sobre a sustentabilidade propõe. Parafraseando

Loureiro (2012), o conceito de sustentabilidade é instigante, complexo e desafiador, pois abre múltiplas possibilidades de desdobramento do termo, assim como possibilita um leque de relações, já que vem das Ciências Biológicas e enraíza-se na política e na economia, permitindo diferentes formas de emprego da nomenclatura. Em virtude de tais aspectos, nesse artigo defendemos a heterogeneidade da forma como é pensada e conceituada a sustentabilidade.

Acredita-se que tal discurso é decorrente da área ambiental e tem como premissa novas formas de relações homem/natureza, assim como prevê a construção de sociedades mais justas que fogem à lógica do capital, que impera através da geração de consumo e lucro, degradando os meios culturais, sociais e ambientais. A este respeito, Leff afirma que

a sustentabilidade é uma maneira de repensar a produção e o processo econômico, de abrir fluxo do tempo a partir da reconfiguração das identidades, rompendo o cerco do mundo e o fechamento da história impostos pela globalização econômica. (LEFF, 2010, p. 31).

Em consequência da vertiginosa disseminação do discurso sobre a sustentabilidade, é necessário entender como pesquisadores vinculados à área ambiental conceituam tal temática. Para atingir o objetivo da pesquisa, optamos por realizar entrevistas semiestruturadas com os educadores ambientais. Para isso, os entrevistados deveriam estar inseridos no campo de pesquisa do Brasil e manter um intenso contato com os desdobramentos da Educação Ambiental, além de conhecer a temática da sustentabilidade e desenvolver pesquisas que se relacionassem com a temática.

Os colaboradores da pesquisa são participantes do GT22 Educação Ambiental da ANPED, isso porque entendemos que o GT22 da Anped reúne pesquisadores experientes e renomados no campo ambiental. Foi sob essa perspectiva, que envolve os princípios da Educação Ambiental, as problemáticas relacionadas à temática da sustentabilidade e as pesquisas educacionais brasileiras, que tais educadores ambientais foram convidados na qualidade de colaboradores na pesquisa.

As entrevistas foram realizadas na 34ª Reunião Anual da Anped, no período de 2 a 5 de outubro de 2011. O objetivo para a aplicação de tais entrevistas foi possibilitar, a partir de um contato pessoal com os colaboradores, a criação de um *corpus* para análise, o qual seria, em

seguida, submetido à exame, de acordo com o processo de Análise Textual Discursiva. Os pesquisadores entrevistados foram os professores doutores: Fátima Marcomin, João Albuquerque, Luiz Marcelo de Carvalho, Martha Tristão, Mauro Guimarães e Michèle Sato.

O roteiro da entrevista foi elaborado de forma a propiciar que os participantes falassem sobre os conceitos – particulares – relativos ao termo *sustentabilidade*. A intenção era a de que a entrevista se tornasse uma conversa informal, possibilitando o diálogo aberto entre entrevistador e entrevistado.

A utilização das entrevistas, como instrumento de produção de dados, mostrou-se eficaz no sentido de que ouvimos os pesquisadores discorrerem sobre seus conceitos sobre o termo *sustentabilidade*, suas variantes no contexto socioambiental, as relações do termo com a crise ambiental da atualidade e de que maneira a temática é desenvolvida nas pesquisas acadêmicas.

Em hipótese alguma foram introduzidas frases ou palavras no contexto ou retiradas dele. No interior de cada processo, foi mantido o máximo de fidelidade ao discurso estabelecido pelos pesquisadores. Uma maior interferência se faz somente a partir dos argumentos, para que não se perca de vista a expressão original do discurso do autor, evitando, da mesma forma, interpretações equivocadas das falas analisadas inicialmente.

A pesquisa realizada buscou, então, aprofundar as compreensões sobre sustentabilidade a partir de análises intensas e criteriosas do material avaliado. Na ideia de Minayo (2011), “a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados. Esse nível de realidade não é visível, precisa ser exposto e interpretado, em primeira instância pelos próprios pesquisadores”. (MINAYO, 2011, p. 22).

Para compreender a visão dos pesquisadores sobre sustentabilidade, houve a necessidade de escolher um método que possibilitasse uma imersão nos dados e um intenso processo analítico. A seleção do método tornou-se crucial, pois tal ferramenta foi utilizada para responder à questão central da pesquisa e, dessa forma, chegar ao objetivo do trabalho. Assim, optamos pela análise textual discursiva (ATD), proposta por Moraes e Galiuzzi (2007). A análise textual discursiva é um processo de desconstrução, seguido de reconstrução de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, que produz novos entendimentos sobre o fenômeno investigado.

O *corpus* de análise foi constituído pelos dados derivados das entrevistas semiestruturadas aplicadas aos pesquisadores em Educação Ambiental, participantes da 34^o Anped. A ATD propiciou uma intensa imersão no texto, servindo de ferramenta de observação e de compreensão de como tais educadores ambientais dimensionam o paradigma da sustentabilidade.

Torna-se evidente que a tentativa de dimensionar os conceitos atribuídos à temática da sustentabilidade supera o campo biológico/ecológico, estendendo-se a outras áreas de estudos. Sendo assim, os resultados da pesquisa poderão ser foco de interesse dos mais variados campos do conhecimento, considerando-se que não houve a intenção de criar um único conceito que delimite as fronteiras do que realmente entende-se por sustentabilidade, mas sim expandir as diferentes formas de se relacionar e de interpretar a temática.

Este artigo apresenta o pensamento de pesquisadores tentando discutir e aprofundar este assunto abrangente, abstruso e polêmico, o qual tem sido foco da atenção de estudiosos, não somente no campo da Educação Ambiental. Para tanto, realizamos uma análise do processo de disseminação da temática sobre a sustentabilidade, evidenciando a polissemia do termo, bem como suas interações com várias áreas do conhecimento. A seguir, teceremos considerações sobre a opinião de cada entrevistado.

A pesquisadora Fátima Marcomin afirma em sua entrevista que sustentabilidade parece algo inatingível, chegando a caracterizar tal conceito como “gasto”. Igualmente, segundo a entrevistada, ao mesmo tempo em que existe uma amplitude conceitual, parece que não há incorporação de um conceito único, fechado. Em outras palavras, para a pesquisadora, a questão da sustentabilidade apresenta-se como ambígua e com múltiplas possibilidades de entendimento. Ao encontro da afirmação de Fátima Marcomin, Loureiro (2012) diz que “só há sustentabilidade com dignidade de vida para todos, ou esta vira um discurso vazio visto que fundado na desigualdade e na destruição”. (LOUREIRO, 2012, p. 48).

A amplitude conceitual que a temática carrega desde as suas raízes faz com que o discurso da sustentabilidade seja reconhecido em distintos campos do conhecimento. Alocuções intermináveis sobre a crise ambiental da atualidade disseminam-se pelo mundo; basta tomarmos como exemplo a mídia mundial, que apresenta propagandas e relatos

ambientalistas, os quais chegam a descrever prováveis soluções para as problemáticas ambientais sem, contudo, avaliar o devido contorno ecológico. Nessa lógica, Tristão (2010) relata que: “[...] a crise global, amplamente anunciada pela mídia, é a examinada a partir da dimensão econômica. Estão ausentes outras dimensões, inclusive a ecológica”. (TRISTÃO, 2010, p.161).

Na visão de Luiz Marcelo de Carvalho, outro pesquisador colaborador, a sustentabilidade está muito clara para alguns grupos de pesquisa, apesar de diferentes entre si. Para ele, existem grupos com perspectivas políticas e ideológicas num extremo, convivendo com grupos exatamente no lado oposto, ambos apropriando-se do mesmo termo com intenções diferentes. Logo, fica evidenciado que há formas e possibilidades muito diferentes de compreender a questão da sustentabilidade. É preciso, assim, muita cautela ao ser explicitado um determinado conceito, que, na compreensão do teórico, configura-se, em muitos casos, como uma abordagem muito mais política do que epistemológica.

Em relação aos meios de comunicação social, podemos observar o quanto se utilizam da crescente demanda dos problemas ambientais, para anunciar campanhas educativas que têm como objetivo primordial o enfoque nas problemáticas socioambientais, associadas à necessidade de práticas voltadas à sustentabilidade. Isso se deve ao fato de que uma das maiores preocupações da atualidade diz respeito às grandes catástrofes que acometem o planeta. Ouvem-se não só discursos sobre economia verde, reciclagem do lixo, aquecimento global, redução do uso de sacolas plásticas, mas também sobre extinção em massa, fome, efeito estufa, dentre outros. Esses discursos afetam diretamente a população, que, muitas vezes, reage de forma vinculada a tais campanhas, sem ter a ciência do que está por trás do investimento publicitário supostamente de cunho ambiental. Convenientemente, boa parte da mídia contemporânea utiliza-se do contexto socioambiental, para lucrar com os resultados oriundos de suas campanhas.

A difusão da temática da sustentabilidade em empresas, propagandas e campanhas televisivas tem sido utilizada como instrumento para amenizar os problemas ambientais. Arguir sobre sustentabilidade é ter um discurso ecologicamente correto. As empresas dizem-se sustentáveis para que a grande massa da população utilize-se de seus produtos/serviços, e, assim, o grande ciclo de consumo é alimentado sem ser notado.

A pesquisadora Michèle Sato discursa sobre a falta de posicionamento mais contundente dos ambientalistas com relação à temática da sustentabilidade. Segundo Michèle, todo mundo fala sobre sustentabilidade, desde o Ensino Fundamental até as universidades, os governos, as organizações não governamentais (ONGs), os empresários, os ruralistas. O discurso da sustentabilidade foi sendo apropriado por várias esferas sociais e utilizado como ferramenta adequada para amenizar os conflitos impostos em torno da apropriação da natureza. Corroborando a opinião de Sato, Leff (2011) diz que “o discurso sobre a sustentabilidade não é homogêneo nem está livre do conflito de interesses”. (LEFF, 2011, p. 48).

A apropriação da palavra sustentabilidade abarca a ideia de que estamos nos apropriando do meio ambiente de maneira sustentável, ou seja, utilizar o termo exime a culpa de invasão da natureza, em virtude do sistema de consumo. Mas será que somente um discurso de “ser sustentável” e que proclame “faço a minha parte” é satisfatório? Na maioria das vezes parece suficiente, mas dessa forma caímos em uma falação vazia, sem embasamento. Utilizar-se dessas expressões não quer dizer que haja um engajamento com as práticas sustentáveis necessárias.

Martha Tristão, uma das pesquisadoras participantes da entrevista, parte do pressuposto de que a sustentabilidade é um paradigma; é uma racionalidade aberta para compreender a complexidade do mundo e para entender que tudo tem uma finitude na exploração e espoliação da natureza. Ao debruçarmo-nos sobre a ideia de Tristão, fazemos articulações com o pensamento de Leff (2011), que argumenta sobre a construção de uma racionalidade ambiental que parta da desconstrução da racionalidade capitalista dominante em todas as ordens da vida social. Nesse sentido, Leff (2011) diz que “não só é necessário analisar as contradições e oposições entre ambas as racionalidades, mas também as estratégias para construir uma nova economia com bases de equidade e sustentabilidade”. (LEFF, 2011, p. 144).

A temática da sustentabilidade, pois, dissemina-se por várias vertentes, tanto aquelas relacionadas à apropriação do termo como modo de isenção sobre a exploração da natureza, quanto o surgimento de novas maneiras de relações com o meio socioambiental. Fica claro que o discurso da sustentabilidade, visivelmente, contempla as esferas ambientais, políticas e econômicas, entre outras. Na visão de Marcomin e Silva (2010), a noção de sustentabilidade tem sido usada de forma generalizada

e gera a falsa ideia de que há um consenso. Entretanto, o que menos existe, quando se trata de sustentabilidade, é consenso sobre a forma pela qual a temática deve ser utilizada e definida. Sendo assim, não se pode discorrer sobre um único conceito de “sustentabilidade”, mas sim de várias vertentes, ou seja, de múltiplas dimensões que se inter-relacionam através da ética, que é onde reside o ponto de maior relevância da sustentabilidade. (RUSCHEINSKY, 2004).

As dimensões da palavra sustentabilidade remetem ao emprego do termo nas variadas situações ambientais e sociais, suscitando, muitas vezes, a banalização do significado do que verdadeiramente o termo signifique. Além disso, o “discurso sustentável” é ecologicamente correto e, então, sobrevém a falsa concepção de que há preocupações e soluções disponíveis, e que tal discurso prioriza, como meta, minimizar os efeitos ocasionados pelo descaso com o meio socioambiental.

A relação entre a crise global atual e os conceitos de sustentabilidade utilizados para amenizar os problemas ambientais instituem uma crise paradigmática, em que os conceitos sustentáveis servem de padrão em discursos vistos como remediáveis, para que se atenuem as problemáticas da crise civilizatória. “O termo sustentabilidade poderá ser uma alternativa válida, se sua semântica for reabilitada de uma perspectiva meramente economicista para outras mais amplas, como, por exemplo, a de ‘sociedades sustentáveis’”. (MARCOMIN; SILVA, 2010, p. 178).

Percebemos que o paradigma da sustentabilidade dissolve-se em múltiplas esferas sociais, servindo de alicerce para minorar problemas ambientais ou para atenuar as problemáticas acendidas pela crise mundial.

O pesquisador Mauro Guimarães nos diz que o conceito de desenvolvimento sustentável traz a reboque a ideia do pensamento hegemônico de “desenvolvimentismo”. Assim, pensar na temática da sustentabilidade como reforma de uma proposta de desenvolvimento, sem causar uma transformação estrutural dessa proposta, é pensá-la na perspectiva de um mesmo modo de produção, dentro de uma mesma lógica, que é a lógica do capital, do mercado.

João Albuquerque, outro pesquisador participante da pesquisa, entende que sustentabilidade implica a possibilidade de um bem-viver compartilhado dentro de um respeito a todos os seres e nas dimensões envolvidas nesse processo.

Fica claro, portanto, que as questões que envolvem discussões relacionadas à sustentabilidade abrangem inúmeros campos conceituais. Discorrer sobre o assunto pode parecer utópico. No entanto, essa mesma utopia é que permeia a insustentabilidade do sistema econômico vigente. Buscar formas e ações para a manutenção de uma sociedade mais sustentável, economicamente justa, igualitária e com a premissa de justiça social pode ser o caminho para a construção de práticas sustentáveis.

Ao fim e ao cabo, na opinião dos colaboradores desta pesquisa, deveríamos repensar os padrões atuais de desenvolvimento e, então, apostar na construção de sociedades sustentáveis. As premissas da construção dessas sociedades estão diretamente relacionadas aos aspectos sociais, culturais e ambientais da sociedade moderna. Tais discussões propõem-se a ser a maneira de configurar a civilização e a economia mundial, contribuindo para a preservação da biodiversidade e planejando a forma de atingir a “pró-eficiência” dos ideais das sociedades modernas.

Determinadas transformações aconselhadas nos últimos anos por estudiosos e ambientalistas são consideradas verdadeiras revoluções no modo de pensar e de agir do ser humano, para que seja possível a “construção de sociedades sustentáveis”. Discorrer sobre sustentabilidade, nesse sentido, implica discursar sobre sociedades sustentáveis, ou melhor, em uma nova prática educacional para a construção de um inovador modelo de relações com o meio socioambiental. Esse movimento contínuo de mutações, pois, está permeado por outro olhar para a educação: uma nova forma de lidar com e no meio social, cultural, ambiental e econômico. Para João Albuquerque, devemos pensar a sustentabilidade num sentido também de ideias.

Uma sociedade sustentável deverá satisfazer suas necessidades de maneira diferenciada do modelo padrão atual de desenvolvimento. As economias sustentáveis não serão movidas por combustíveis fósseis, mas sim por energia solar e por suas muitas formas diretas e indiretas: luz solar para aquecimento e eletricidade, energia eólica, hídrica e assim por diante. Um sistema energético sustentável mais eficiente deveria ser desenvolvido para amenizar os efeitos ambientais do atual modelo. Da mesma forma, os meios de transporte em uma sociedade sustentável deveriam ser menos esbanjadores e poluentes.

A construção de sociedades verdadeiramente sustentáveis precisa ser baseada em uma ética pela reciclagem, desde materiais industrializados até biológicos. O uso da terra necessita estar em acordo

com os princípios básicos da estabilidade biológica: a retenção de nutrientes, o equilíbrio de carbono, a proteção do solo, a conservação da água e a preservação da diversidade de espécies. Importa que indústrias sustentáveis estejam mais descentralizadas, promovendo sua independência dos grandes centros urbanos.

A característica decisiva de uma economia sustentável será a rejeição da cega busca pelo crescimento. As diferenças ideológicas se dissiparão frente à crescente consciência de que a Terra é o nosso lugar comum, não importando os nossos diferentes antecedentes culturais. A compreensão de que todos nós compartilhamos esta Terra será a fonte de um novo código ético. O desafio, pois, das próximas décadas é aperfeiçoar os detalhes, por meio do trabalho das corporações, dos governos, das organizações ambientais, dos partidos políticos e dos cidadãos.

Para o pesquisador João Albuquerque, sustentabilidade implica conhecer as necessidades que temos de acolher, de cuidar, de amar. Então, pensar a sustentabilidade dialogicamente é fundamental. Pensar qualquer movimento educativo, principalmente na perspectiva da Educação Ambiental, na compreensão de Albuquerque, exige uma perspectiva dialógica que envolva amor, fé no homem, confiança nas possibilidades, a esperança de que é possível fazer a diferença e a criticidade no sentido de desvelar o que está por trás. O colaborador da pesquisa defende a ideia de que, se tais elementos estiverem presentes nas relações socioambientais, teremos os ingredientes que possibilitarão moldar outra sociedade.

Ao falarmos do futuro, mesmo que seja um futuro que já sentimos muito próximo, o que dele dissermos é sempre o produto de uma síntese pessoal embebida na imaginação. (SANTOS, 2010). As constatações da possibilidade de mudanças relacionadas com o atual modo de produção e de relação seres humanos/natureza não ocorrerão de maneira drástica. Mudanças levam tempo para acontecer. Contudo, a necessidade de corromper o atual padrão econômico é necessária para que haja a possibilidade de pensar em um futuro diferente. Ainda é tempo de inventar um futuro que não desemboque numa catástrofe. (SACHS, 2009).

É sobre as ruínas desses paradigmas que teremos de construir projetos originais e pluralizados, para debater um conjunto de ideias que organize o quadro conceitual dessa discussão. (SACHS, 2009). A partir

daí, a cultura de mudanças deveria tornar-se um elemento do ensino, da educação dos povos.

A precisão de transformações não deve partir de um desenvolvimento arbitrário que seja intrínseco ao sistema capitalista, mas sim utilizar como base de inovações as questões socioambientais, para que seja possível a relação que a temática da sustentabilidade e das sociedades sustentáveis traz em seu bojo: justiça social, proteção ambiental e desenvolvimento econômico eficiente, para a construção de sociedades justas e sustentáveis.

Referências

- CARVALHO, I. C. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.
- _____. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GONÇALVES, C. W. P. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- LEFF, E. *Discursos sustentáveis*. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. *Saber ambiental*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LOUREIRO, C. F. *O Movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.
- LOUREIRO, C. F.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. (Org.). *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LOUREIRO, C. F. *Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política*. São Paulo: Cortez, 2012.
- MARCOMIM, F. E.; SILVA, A. D. V. A sustentável leveza da universidade. In: GUERRA, A. F. S.; FIGUEIREDO, M. L. (Org.). *Sustentabilidades em diálogos*. Itajaí: Univali, 2010. p. 171-189.
- MINAYO, M. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2007.
- RUSCHEINSKY, A. *Educação ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SACHS, I. *A terceira margem: em busca do ecodesenvolvimento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TRISTÃO, M. A educação ambiental e o paradigma da sustentabilidade em tempos de globalização. In: GUERRA, A. F. S.; FIGUEIREDO, M. L. (Org.). *Sustentabilidades em diálogos*. Itajaí: Univali, 2010. p. 157-169.

Submetido em 21 de fevereiro de 2013
Aprovado em 5 de abril de 2014.